



# Gaiato



Visado pela Censura do Porto

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano IV — N.º 98  
Preço 1\$00

Redação, Administração e Proprietária — Casa do Gaiato  
PAÇO DE SOUSA

Director e Editor: — Padre Américo

29 de Novembro de 1947

Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628-Porto  
Vales do Correio para CETE

## NÓS OS LEPROSOS CASA DO GAIATO DE LISBOA

É outra vez o Padre Dameão Veuster que vai fazer o fundo desta quinzena.

Se o simples conhecimento do que êle fez e disse tanto tem alvoroçado as almas, como não se haviam de queimar na labarêda os que tiveram a suprema felicidade do seu convívio e do seu contacto,—como?! Lê-se que os leprosos saíam fora de si ao vê-lo aproximar.

Os que tinham perdido a fala, era com os olhos. Se estes estavam já comidos, era por acenos. Se as mãos tinham caído, era o tronco. Tudo mexia. Tudo falava. Saíam fora de si. A lepra a falar à lepra. Nós os leprosos.

O Padre Dameão era um homem robusto e decidido. Filho de camponeses, tinha amor à terra aonde nascera. Gostava de receber cartas, ter notícias da família. Tinha particular receio que se soubesse, e por todos os títulos procurava esconder à Mãe o seu estado de saúde:—Leproso. Um leproso amador. Não se sabendo hoje qual o sentimento que lhe ia na alma ao fazer assim: se o desgosto que causaria aos seus sabendo-o leproso, se o desejo de esconder à família a sua glória! Leproso por amor! O nosso apóstolo, era um homem de realidades. Tinha um plano. Sabia o que queria e fez tudo como quiz. A Graça que o chamou ao martírio, não lhe tirou as amarguras do martírio. Ele horrorizava-se diante do horror. Tinha medo. Tinha náuseas. Também êle disse de uma vez, no meio e à vista do mundo que escolhera para ser seu: *Se é possível Pai celeste, afastai de mim este calice.* Aquele também quer dizer que antes dele e depois dele, muitos homens tem dito como êle disse. E todos suportam a cruz e todos bebem o calice pela força e pela mão de Quem primeiramente o fez. É preciso insuflar no mundo estas coisas velhas, para inculcar a caducidade das grandes e das importantes e das modernas, que tanto ocupam as gentes. Os cristãos!

Aquele se na boca do Missionário, não era uma condição. Não era. Ele já se havia dado a Deus e aos leprosos incondicionalmente. Era uma supplica. Era uma declaração de fraqueza. *Se é possível...* Foi possível, sim. É possível sim senhor. É no Getesemani de Jesus que todos nós vamos buscar a força.

Padre Dameão começa a trabalhar de picarêta. Come do rancho dos seus irmãos. As autoridades não aumentaram a ração com a sua presença na ilha. Não era um elemento oficial. Não foi pedido. Não fazia ali falta nenhuma... Não importa. Havia uma

ao repartir, chega sempre e para muitos. Ele tinha o seu quinhão. De resto, como o anjo de Tobias, bem podia êle asseverar que tinha outro alimento. E tinha!

Começaram a emergir do nada os primeiros traços da aldeia. A aldeia dos leprosos. Aparecem habitações condignas. Ruas. Linhas. Hortas. Jardins. Cultura. Interesse. Vida. Há musica. Há canto. Canções populares e musica sacra, cada coisa em seu lugar e a seu tempo. As bancadas da capela não chegam. A capacidade do templo, da mesma sorte. O numero de crentes aumenta na medida em que se sentem amados. Os leprosos.

Por estas alturas e sem nunca ter saído da ilha, andava o Padre Dameão nas bocas do mundo e colunas das gazetas. Falava-se. Discutia-se. Os donativos eram sem conta, sob todas as formas e das mais longinquoas regiões. A Inglaterra vem no cabeçalho. Milhares e milhares de libras em oiro. Uma parquia de França, manda um calice de oiro cravejado de brilhantes. O padre celebra com um vaso d'oiro. Se eu já tinha amor ao nosso, quanto mais agora! Aos domingos, todos os domingos, celebrou Missa aqui na aldeia, com um calice de oiro cravejado de brilhantes. Leprosos. Os leprosos do lixo. Mas andemos. O apóstolo ergue o mundo. Um Principe vai pessoalmente à ilha saber o que é que êle mais precisa. O assunto daquêle tempo (isto foi ontem) é a ilha do Pacifico para onde todos olham, de onde quer que estejam.

Tudo dá fé, só o Padre Dameão é que não! Mais. Mais assombro. Os leprosos também se erguem. Os noventa e nove leprosos da ilha de Molakai erguem-se. O apóstolo foi dar com um mundo de desesperados e começa a vêr em redor de si um mundo de resignados. Ele, o apóstolo, é testemunha da transformação daquelas almas pelo abandono gradual de praticas libidinosas. E depois a aceitação da doença e depois a tristeza calma e finalmente, sem jamais lhes dar a esperança de cura, da-lhes mais e melhor: a certeza da vida eterna. Também os leprosos se erguem.

Quem são os grandes? Os grandes do mundo, verdadeiramente grandes, hoje que tanto se fala e tanto se espera.

Quem são os verdadeiramente grandes?

Está aqui um à vista. São os que amam. São eles os vencedores. Muitos, por meio do Padre Dameão, fizeram bem aos leprosos. Porém, só êle os amou. Como?

Dando-se identificação...

É agora a mais falada de todas as casas que temos. É a recém-nascida! E nasce na capital, aonde as coisas e pessoas tomam outro vulto.

As cartas com pedidos de recolha de meninos, chovem. Algumas, perguntam condições, como se faz nos colégios, a vêr aonde é mais barato. A nenhuma se responde. Não é por mal. É que não temos lugar para o fazer. Mas damos aqui a resposta a todas quantas já vieram e às que estão para vir: Não aceitamos ninguém por estes meses mais chegados.

Segundo o nosso sistema, abrimos a casa com gente nossa. Os seus povoadores são os fundadores. Estes teem muito que fazer na vida domestica, até que possam abrir as portas aos seus colegas da rua. Em Paço de Sousa abriu-se a casa com cinco rapazes, saídos de Miranda, e assim, até que outros viessem. O mesmo se faz no Tojal. Continuando na nossa resposta, avisamos aqui os leitores que não devem, por amor da obra, massacrar a gente com pedidos e meter rapazes à cara por todas as maneiras. Não devem. Os nossos é que são a pessoa adequada para ir buscar o rapaz que convém à obra. Eles vão. Eles intercedem. Eles é que sabem dos lugares próprios da moineira e dos pequeninos moiras que por lá andam. Depois deles,— nós. Nós, os Padres da Rua. Nós também sabemos. Conhecemos todas as grandezas da rua. Ali tudo é grande. O Vicio. A Miséria. O Abandono. Também nós, pela nossa missão, somos a pessoa indicada para ir buscar o rapaz próprio ao próprio lugar. De sorte que ficam mui poucas probabilidades para os estranhos. A experiencia tem-nos ensinado que nem sempre é das nossas casas o rapaz que entra por mãos de outrem. Não está certo. O nosso rapaz é o sujo, o malcreado, o gatuno, o refilão, o sem familia ou por ela abandonado. Estas as qualidades. Outras que ele tenha, desqualificam-no para a nossa obra. Não podem entrar.

Eis aqui a resposta formal às cartas dos Lisboaetas ou quaisquer pretendentes de outras localidades.

Em o numero anterior, falava-se dos sitios aonde se pode deixar donativos. Em primeiro lugar, vinha o Patriarcado. A Casa de Lisboa é do Patriarca de Lisboa. Ele é Quem cedeu a casa e a quinta. Dele, o apoio moral. Dá um sacerdote, Ele, o Bispo mais desfalcado do Império. Para as Suas mãos devem convergir os donativos mais valiosos.

Também se falava no Montepio como depósito de coisas. Caiha bem.

casa de negócio, embora se pareça com os Bancos. É só por fora que se parece. Por dentro não. Ele tem por armas um pelicano. Por isso mesmo, fica bem entregar ali donativos para ajudar a erguer monumentos nacionais arruinados.

Falou-se, ainda, na igreja de Nossa Senhora de Fátima como um terceiro lugar. Parece que ali é que devia ser:—Avenidas novas! Edifícios suntuosos! Cheiro a riquezas! Parece mas não é. Não costuma ser. Nunca foi.

Finalmente, comunica-se que é por aquela igreja que começamos a jornada dos peditórios. É no derradeiro domingo deste mez de S. Martinho, a todas as missas. Lisboa conta já um grande numero de assinantes. Espera-se que êste numero de *O Gaiato* chegue a tempo de comunicar a noticia. Mais. É costume um amigo ter amigos. Ora sendo assim, nada custa a um que assina, passar recado ao amigo que o não faz, êste fica a saber e talvez lhe apeteça ir à Missa naquele domingo, excepcionalmente. Quem sabe?! Excepcionalmente, digo bem. Não vá a gente delirar com o espectáculo das igrejas cheias, porque muito mais são os que lá não entram e não é nada pequeno o numero daqueles que vão à missa por outras razões! Sim. Não vá a gente embalar-se, cuidando que tudo está feito...!

Por hoje mais nada ácêra da Casa do Gaiato de Lisboa. No próximo numero cá voltaremos. Oxalá seja a dar boas noticias.

Nós trabalhamos descaradamente, ousadamente, como se tivessemos em caixa as somas de que há necessidade. Fazemos encomendas. Realizamos compras. Damos empreitadas. Fechamos contratos—e nunca a gente se enganou nas contas!

Não se deve nada a ninguém, e mais temos sido bem apertados por fornecedores e empreiteiros da capital. Porquê? Pela natureza da obra. Divida que um pague por todos, todos ajudam. A humanidade tem suas fraquezas, mas não é massa falida.

E senão é ver. Precisamos muito de uma máquina de costura no Tojal. Peço hoje aqui uma máquina de costura para a Casa do Tojal. Pois bem. Vamos ter uma máquina de costura no Tojal.

### Uma Comunicação

Se alguém fôr ao Tojal no próximo dia 8 de Dezembro, vai ao engano. Não se inaugura a casa naquele dia. É em Janeiro. A seu tempo diremos. Por enquanto nada ali existe que





Eis a cabana da mata, que tanto deu que falar nos meses de verão; e está para dar. É uma homenagem ó fotógrafo, mais do que à Casa, a sua inserção no presente numero. Ali se passaram bons tempos. O cozinheiro, o doente a repousar, os hospedes, o Top quasi sempre e algumas, o Marão e o Nero. Os passarinhos, as borboletas, as ovelhas. Eu. Era a vida na cabana.

## AQUI, LISBOA!

Encontrei nas ruas de Coimbra um rapazinho já espigado, cumprimentando efectuosamente.

Eles são tantos que a gente esquece nomes, fisionomias e moradas. Mas o garoto é que não esquece quem alguma vez lho fez bem.

—Era para me deixar ir para o Lar.

—Há tanto tempo que te não via... Onde estiveste?

—No Reformatório dois anos.

—Onde moras agora?

No Bairro das Latas.

É sabido: garoto das *latas* é pupilo da policia e da Justiça.

Não foi preciso mais recomendações. Ser daquele bairro é ter carta branca de entrada.

Mandei-o ter com o Maioral. Já ocupou a primeira vaga.

Ora eu queria também conhecer eficientemente a Capital para ver os bairros que dão direito à admissão na futura Casa do Gaiato. Tenho uma carta de



No dia dezasseis de Novembro, celebramos na capela da nossa aldeia por alma do Engenheiro Duarte Pacheco. Mais do que simples memória, foi um acto de justiça.

Ora recordemos: Tinham-me dado em Paço de Sousa uma quinta arruinada, aonde se havia de levantar o que hoje ali se vê. Era o mês de Março de 1943. Eu precisava de dinheiro. De muito dinheiro. Fui por aí abaixo procurar o Ministro das Obras Publicas. Não levava cartas. Nunca o tinha visto; e das obras a fazer, nem sequer um simples traço. Levava a ideia e com ela, uma grande paixão. Falei dez minutos apaixonados. As palavras eram catadupas.

—Trezentos contos, senhor Ministro!

—Sim. Quer levar já o dinheiro?

Não esperava tanto. Não ia prevenido. Sabia vagamente que os dinheiros publicos estão sujeitos a prestação de contas. Hesitei.

—Senhor Ministro; eu não posso prestar contas.

—Nem deve, disse. Isto é uma esmola do governo. Vá. Trabalhe e continue a pedir.

Isto me disse o Ministro, — e isto escreveu: *O alto interesse social da obra justifica, de sobejo, a ajuda do Estado. Por isso a concedo, dispensando formalidades que embaracem uma acção inspirada apenas em ideais de bondosa e pura solidariedade humana.*

Lisboa onde estão assinalados os principais monumentos. Vejo também indicação do Torel, Penitenciária etc. lugares muito conhecidos e batidos pela gente das *latas*, mas indicação dos ditos bairros?

Quo fazer? Meto-me num eléctrico e, quando noto que ele começa a viagem de retorno, concluo que devo estar na periferia da cidade, e, *ai latas!* Não falha.

Desta feita meti-me num que diz — *Campolide*. Ele aí vai por aí acima. Não foi preciso deixar que chegasse ao fim. Passado o arco, começo a divisar ao longe um farrapilha, esgadelhado, sujo, descendo ao lado duma senhora, a *astear* por um tostãozinho.

Ela, muito aborrecida, ia enxotando.

Temos moiro na costa, pensei. Dou um salto abaixo do eléctrico, e cá estou a namorar o farrapilha e ele os meus tostões.

—Dou-te um tostão, mas há-de ser na tua casa.

—Mas eu não tenho casa.

—Então onde moras?

—Moro lá em baixo numa tenda de lona. Lá foi explicando que são sete irmãos, que vivem todos na mesma tenda com o pai e a mãe, e que um senhor compadecido lhes vai dar uma tenda nova porque aquela já não tem conserto. Vou seguindo o meu cicerone. Entro na auto-estrada, corto à direita.

—Onde é, menino?

—Lá em baixo!

A' medida que entramos no bairro pobre, tudo sai às portas para ver o espectáculo inédito!

—Olha o padre que vai visitar os pobres!

Começa a juntar-se garoto daqui, garoto dali... o bando cresce. Galgo um muro o eis-me em arraial aberto. Só então dou conta onde estou. O grupo continua a crescer. Vêm uns das tendas, outros, das barracas de madeira, outros saem da terra como cobras.

—Que é isto? Pergunto espantado.

—São furnas, senhor prior.

—Que, furnas?!

—Sim, furnas; baracos onde dormem homens debaixo da terra, coitadinhos!

E o farrapãozinho já esquecia que vivia numa tenda esfarrapada para se condoer dos que vivem em furnas.

Deixei uns tostões à família do meu cicerone e logo no ar aparecem mais de cem mãos a gesticular.

—Senhor prior! Venha à minha furna; à minha barraca!

Ai meu Deus; as *latas* de Coimbra, o Arco Pintado, os arcos da ponte... já tudo me parece um canto do paraíso. Agora só vejo furnas!

Muita gente vai ver as dos Açores por elas vomitarem fogo. Pois estas aoenderam lume no meu peito.

Senhores e Senhoras da Capital e seus arredores que não querem crer na necessidade de mais uma Casa do Gaiato — por amor de Deus, ponham os pés na *Cascalheira*, e não contradigam mais a verdade conhecida por tal, que isso é pecado que brada aos Céus.

P. S. ADRIANO

P. S. — Tenho pedidos clamorosos para três famílias pobres que vivem debaixo das ramadas do choupal. Não queria deixar Coimbra sem ter dado abrigo a tão pobre gente. Quem acode?

## Do que nós necessitamos



Sim senhor. Daqui fala a Casa do Gaiato ao senhor dos 500\$00 de Penacova. Deu se cumprimento e pode-se continuar. É só dar as suas ordens. Mais 50\$ de algures. Mais uma caneta para o Abel, *por ter dado uvas aos doentes*. Canetas. Canetas de tinta permanente. Logo a seguir às bolas, são as canetas. O Grande prémio. A grande ambição. Eu cá nunca tenho nenhuma que preste. Compro das de vinte escudos. Roubam-mas! Eu vivo no meio deles. Deles, sim. Gatunositos. Mais a doce surpresa de termos recebido aqui, de Alcarêna, uma lata com vinte e cinco litros, quando esperavamos receber *sómente* dez litros de azeite. Que bom! Mais de Fozcoa, uma tarifa de azeite. Lenços. Lenços de bolso. Alguem de algures, ao tomar conhecimento do apêlo aqui feito, não esteve com meias medidas e mandou dez dúzias deles. Mais duas escovas de dentes e duas pastas. Mais 50\$.

Nós necessitamos de mundos e os mundos aparecem. Teem aparecido. Não-de necessariamente continuar a aparecer. É a natureza da obra que assim o exige. Não me engano na palavra, forte como ela é. *Exige*. A nossa obra é de resgate. Nós estamos pagando uma dívida, por meio dela, à creança inocente. É um caso de justiça. Quem paga dívidas alheias obriga-se a padecer. Toda a gente o compreende. O que é pena é que muitos se irriem e aflijam pela abundancia das esmolas. Foi assim com o Padre Dameão. Eu ando cheio do Padre Dameão. Gostaria de me encontrar com Ele! Pois é verdade. O que se dizia! O que se escrevia! Quanto não padeceu o apostolo. Porquê? Por ter sido chamado a pagar aos leprosos do Pacifico uma dívida que a Humanidade lhes devia. Nada mais. Aqui está o sentido profundo destas empresas humanas. É por este caminho que os recursos aparecem fatalmente, na medida em que vão sendo necessários, não obstante reparos e criticas, que também são necessárias.

Sofrêr por amor da justiça. Sofrer por pagar dívidas de justiça. Oh caudal de riqueza! Outra vez o João Ninguém o Senhor João Ninguém de algures. Zés já cá havia uma porção deles; Joãoes, é este o primeiro. Eis a carta do João:

*Cá está outra vez o João Ninguém.*

*Com uns trabalhos extraordinários do mez passado cresceram magros cobres ao modesto orçamento deste lar feliz porque se contenta com o que Deus manda.*

*Eu e a minha devotada companheira resolvemos dá-los a quem o dinheiro nem sobra nem sequer chega.*

*Eles aí vão. Com eles vai uma palavra de afectuosa ternura para os seus filhos.*

*Nós ficamos muito contentes por poder fazer um nadinha de bem!*

A carta é uma lição de puro cristianismo. Vem lá a falar da felicidade, da alegria, da suficiência, da família, de Deus. Tudo quanto pertence e torna perfeito o ser humano.

Esta e outras notas teem chegado dentro de envelopes. Cautela, João! Olhe que os jornais deram a noticia da existencia de um rapaz da Africa do Sul, que *vê* o subsolo e diz aonde há minério. Vamos que em Portugal apareça alguem que *veja* dentro dos envelopes!...

Mais de Mogadouro tres toalhas uma das quais le linho caseiro. Ainda se não calou a voz das toalhas. Ele há incendios cujo rescaldo leva um rôr de tempo a dominar! Sim senhor. Aquela Deolinda que espera este numero para saber, saiba que chegou o garnizé e com ele uma das maiores algazaras de que há memória na nossa aldeia! Temos cá outro garnizé. O do Periquito. Pegaram-se. Luta de galos. Só visto! Os quatro da administração do famoso fizeram dele mascote. E' deles. O animal vem afeito a comer à mão. Come da mão dos quatro. Come 4 rações 4 vezes ó dia! Não sei se escapará. E é pena, porquanto ele está desempenhando uma importante função. Chama pelos cozinheiros. Dorme no quarto do Carlos, andar superior ao dos cozinheiros, e dá sinal. É um funcionário da assistencia. E' destes funcionários que a gente gosta. Pneus. Oh riqueza! Anda agora a oficina de sapateiro ocupada em fazer calçado prós *Batatas*. Os pneus são material adequado, pela dura. Mais um pneu do Porto. Mais dois idem. Temos noticias de mais. Pois que venham. São benvidos. E mais nada.



# NOTÍCIAS DE COIMBRA

# NOTA DA QUINZENA

# Crónica da nossa Aldeia

Escrita por Cete

Por sermos só desasseis, não pensem as outras casas que ficamos calados. Venho participar aos nossos leitores que se abriu a onze de Outubro outra casa em Coimbra num sitio muito agradável.

Somos desasseis, treze vindos de Miranda do Corvo, um das ruas de Coimbra, outro da Figueira, e eu de Paço de Sousa.

Os trabalhos cá são assim: Um a Latoeiro, eu no Colégio a estudar, tres na limpeza de casa e os restantes como são pequenos varrem as ruas, apanham azeitonas, etc.

Aos domingos e dias santos, vamos à missa a um Convento, que está muito próximo de nós. O Snr. Padre Baptista cá deste mesmo Convento é muito nosso amigo e tenta consolar-nos nos nossos desânimos.

Os mais miudos também rapam os tachos. E' a vez. A's vezes é uma algazarra, este diz:

Agora sou eu. Mas não és, sou eu.  
Não és nada meu graixista.  
E não refiles senão bebes já.  
E ninguém os atura.

Um dos pequenos foi visitar o pai que estava doente. Na sua companhia fui eu e o Pedro de Miranda.

Já com quinze dias de funcionamento, a nossa casa recebeu mais um da Figueira com tres a quatro anos de idade.

Os nossos mais pequenos já percebem futebol. A's vezes, chegam a zangarem-se. Diz o primeiro: O Benfica vai à frente.

O segundo: Vai mas é a traz, quem vai à frente é o Sporting. E eles zangam-se de maneira a haver soco.

Apesar do Snr. Padre Américo ter falado de mim no famoso, eu vou dizer algumas coisas que sinto.

Vim para cá já sei, fazer-me alguém mas muitas foram as saudades do meu Pai Américo, de todas as outras pessoas que lá estão a ajudar os meus irmãos «Gaiatos», mas não esquecer o Caiado e o Boavista.

Peço desculpa aos Snrs. leitores dos erros que aqui vão.

CARLOS INÁCIO.

## MOVIMENTO DO HOSPITAL durante o mez de Outubro

O caso mais importante do mês, conquanto o enfermeiro não diga nada, foi sem duvida o desastre do Pretita, da ramada abaixo, quando ia pescar uvas com uma cana, tal qual foi, ao tempo, comunicado. Um desastre muito aparatoso e muito falado na aldeia. Vamos agora ao comunicado oficial do enfermeiro. E' assim:

|   |     |
|---|-----|
| No fim de Setembro havia . . . . .        | 11  |
| Em Outubro entraram . . . . .             | 12  |
| Sairam . . . . .                          | 15  |
| Total dos doentes no fim do mês . . . . . | 8   |
| O nosso médico examinou . . . . .         | 81  |
| Curativos . . . . .                       | 174 |
| Injecções endovenosas . . . . .           | 17  |
| Intramusculares . . . . .                 | 106 |
| Ipodermicas . . . . .                     | 33  |
| Vacina contra coqueluxe . . . . .         | 8   |
| Depilações . . . . .                      | 1   |
| Antoreações . . . . .                     | 12  |
| Radiografias . . . . .                    | 1   |
| Radioscopias . . . . .                    | 26  |
| Análises do sangue e outras . . . . .     | 24  |

Os ajudantes de enfermeiro são o Molestia e o Zé da Lenha. Este foi solenemente expulso, em tempos, por lamber as dietas, caso este que muito contristou os nossos leitores ao tomarem dele conhecimento. Ele não devia tornar a pôr os pés na enfermaria, a não ser por doente, em qual caso muito seria de desejar que o enfermeiro dele lhe lambesse também a dieta. Sim. Seria um belo castigo. Não devia ser mais admitido ao serviço, como ia dizendo. Porém, temos tanta falta de pessoal de enfermagem e o rapaz mostra tão raras qualidades, que tomou-se-lhe o juramento de que nunca mais lamberia e lá anda o rapaz de novo nas dietas. Quanto ao outro, o Molestia, esse nem habilidade tem para lamber. O nome lhe basta—Molestia. O Molestia.

Temos aqui uma tal carta de um tal assinante, que me não quero furtar e dar-lhe publicidade e fazer dela a nota da quinzena. Ei-la:

Venho dar conta breve da impressão que senti profundamente ao visitar pela primeira vez, desde que a Obra da Rua chegou ao meu conhecimento, já muito comovido pela precedente obra de assistência domiciliária, realizada evangelicamente em Coimbra, sem distinção de pessoas, ao visitar pela primeira vez, repito, a «Casa de Paço de Sousa», onde os Gaiatos se vão regenerando cristamente; e tão boa impressão senti, que participo que vou dobrar o pagamento da assinatura de «O Gaiato».

Bem fôra que os assinantes vissem a bela realização cristã da «Obra da Rua», a que V. deu uma feição original, que fica provando quanto a Igreja é maleável às evoluções do século, depurando-as até as tornar dignas do seu Fundador.

O assinante, quem quer que seja, esteve em Paço de Sousa, viu como nós somos, e tomou uma resolução: dobrar a parada da sua assinatura. Aqui está uma coisa muito bem feita. Não deixou ficar o seu cartão. Não ofereceu os seus serviços mai-la sua casa. Nada de cerimónias. Observou. Obrigou-se. Cumpriu. Não perguntou se o Estado ajuda, como fazem outros que nos visitam. Não quiz saber se os ricos dão. Ajuda êle. Dá êle. Vou dobrar o pagamento da assinatura. Cem por cento! Muito contente deve êste senhor ter ficado por tudo quanto viu. Muito! Retirou-se da nossa aldeia possivelmente a falar só, e em silencio, de onde costumam nascer as mais saudáveis resoluções.

Este assinante é uma testemunha do berço da Obra da Rua. Viu de como ela, a Obra, arriscou os seus primeiros passos em visitas domiciliárias aos pobres de Coimbra. A aurora. Coimbra, como todas as cidades, tem os seus lugares reservados à acção dos sacerdotes. São o nosso clima. A nossa esfera. A nossa gente. Estou neste momento a ouvir a palavra de um sacerdote, que ali trabalhou por muitos anos: *o dia em que não visito um pobre, não sou padre*. Evangelisava. A nossa missão é evangelisar. *Evangelicamente* é o adverbio de que o nosso amigo se serve na sua carta, para designar o modo de ser da nossa obra. *Sem distinção de pessoas* é outra qualidade que impressionou e comoveu o autor da carta. A testemunha de vista daqueles tempos. E' norma da Igreja. Norma do seu Fundador. Ele é o Mestre. Quem fizer como Ele, acerta. Há mais outra afirmação muito curiosa na carta a que nos reportamos: é o poder de adaptação às evoluções do século, sem tocar, nem de raspão, nos principios eternos. Esses ficam.

## RECORTE

E' do jornal A Guarda.

«O P.<sup>o</sup> Adriano, auxiliar do P.<sup>o</sup> Américo, contou no Gaiato que, tendo encontrado um pároco cujo zelo apostólico não lograra levar à missa de domingo mais de 25 pessoas, vinte das quais pertenciam a uma freguesia estranha, lhe dera este conselho:

«Mude a sua igreja em escola e refeitório se não quer vê-la amanhã mudada em cavalariça».

A muitos parecerá estranho, mesmo insensato, este conselho. E afinal é o P.<sup>o</sup> Adriano que tem razão.

A formula talvez seja exagerada.

O pensamento é que é exactissimo, e mais que oportuno lembrá-lo, clamorosamente urgente compreende-lo e sobretudo praticá-lo.

A «escola» e o «refeitório» não são, não podem ser meros accidentes nos planos ou nos programas pastorais do nosso tempo. Não o foram em tempo algum da Igreja. A «escola» e o «refeitório» expressões e realidades que definem a substância da doutrina e do mandato do Mestre: *«de e ensinai»*, «porque tive fome e me destes de comer».

Fiel a este pensamento do Mestre, que também fulgura e canta no preceito fundamental, resumo de todos os seus preceitos, a Igreja fundou escolas e refeitórios antes mesmo de poder fundar templos. E quando os ponde fundar colocou junto deles escolas e refeitórios.

Todas as obras de assistência intelectual e alimentar nasceram, cresceram, espanejaram-se à sombra das catedrais e dos demais templos, e deram origem não só a grandes povoados, mas a vastas organizações assistenciais.

«Escola» e «refeitório» foi a vida de Jesus. Com fazer milagres estupendos, falando numa linguagem que já mais alguém falou, a multidão, em confissão de Jesus, seguia-O porque lhe dava de comer.

Parece que agora procuramos dar lugar à Graça, de apressados que andamos em salvar as almas.

Afinal, que outra coisa é a Igreja, e as igrejas de Cristo, com os seus pulpitos e seus sacrários, senão «escolas» e «refeitórios», que ao mesmo tempo sugerem e pedem outras «escolas» e outros «refeitórios», que tornem com-

1 O Melgaço é o tal cicerone que leva à Administração os senhores visitantes. Eu desconfio que os senhores não gostavam de lá ir, porque têm de subir escadas. Mas agora não sobem, porque a redacção do jornal está instalada no nosso hospital, e por isso já não sobem escadas. Quando os senhores visitantes vierem vêr a nossa Aldeia não se esqueçam de lembrar ao cicerone para os levar à Redacção do Jornal.

2 O Sapo é um dos rapazes mais trabalhadores da Nossa Aldeia. Pois sabem que o Sapo é o das galinhas. O chefe deu ordem ao Sapo para prender todas as galinhas; porque elas vão para os campos que estão a ser semeados a centeio. Como elas comem tudo, o chefe mandou e o Sapo sem saber porque era nem porque não era, prendeu logo as galinhas. O Sapo sabe que quando o chefe manda, que para alguma coisa é. Pois o Sapo é um rapaz obdiente.

3 Temos na Redacção do nosso jornal um intertimento. Sabem o que é? o que há-de ser, é um garnizé que o Pai Américo nos deu. Ele é tão bonito. Fizemos-lhe um poleiro e êle ali está. Quando vem de andar umas horas lá fora entra pelo escritório dentro e salta para o poleiro que é em cima de um armario. Chega lá começa logo a cantar, é do que nós gostamos. Se houver algum Senhor ou Senhora que nos ofereça uma garnizé para ficar um par. Ficamos muito obrigados.

4 Temos um barracão para guardarmos a lenha, para os mais pequeninos não andarem todos os dias a trazer para a cozinha. Como são pequenos e não fazem outra coisa, trazem um cavaco cada um, e encham a cozinha. Mas agora já não é preciso isso, vem um carro ou dois de lenha e já chega para muito tempo.

5 Os rapazes do campo andam muito atrapalhados com as sementeiras. O Fernando «Poeta» é que lavra; pega no arado e toca a lavrar. O Poeta é um rapaz fraco e não pode fazer trabalhos pezados, mas êle gosta e lá anda a lavrar os campos no meio da nossa Aldeia.

6 O nosso sapateiro está a fazer calçado novo para os pequeninos, porque êles não o tinham; agora vem o frio e êles não podem andar descalços. Mas eles perdem os sapatos que lhes derem ou trocam-nos por pão; isso não podem êles fazer porque estão numerados. E quem andar com calçado ou roupa dos outros companheiros vai ao refeitório e o Pai Américo avisa-o.

7 Uma senhora de Lisboa mandou para o nosso doente duas caixas de vitacola. Ele ficou muito contente e queria agradecer-lhe o bem que essa generosa Senhora lhe fez. Como essa senhora não lhe mandou a direcção, êle pede o favor a essa generosa Senhora se lhe manda a direcção, para êle lhe agradecer.

P. S.—Não senhor. Não atendam. Não mandem a garnizé. Se o fazem, eu fujo daqui para fora e adeus Casa do Gaiato! Para bulhas e sarilhos e sangue, bastam os dois garnizés; o que estava e o que veio. Bulhas entre os dois garnizés. Bulhas entre Piriquito e os quatro administradores do jornal, que se arvoraram em donos do outro garnizé. Este já teve de ir ó enfermeiro ó senhor Aloisio, de uma perna!

preendidas as verdades que nos Pulpitos se ensinam e o Pão que dos sacrários se ministra?

Tantos se terão escandalizado com o conselho do P.<sup>o</sup> Adriano. E no entanto, ele apenas recorda uma doutrina e uma tradição. E recorda também uma história que sempre que as igrejas não tiveram a servi-las e a «vprimilas» uma «escola» e um «refeitório», vieram a transformar-se em... cavalariças».

Não é costume importar-se a gente com o que se diz e se escreve acerca da Obra da Rua e seu famoso jornal. Não é costume. Se hoje o faço é só por causa de ser oportuno lembrar, clamorosamente urgente compreender e sobretudo praticar o pensamento do P.<sup>o</sup> Adriano.

E só por isso? Não. Não senhor. Não é só por isso. E' tambem por ser um Padre a falar,—e que Padre! E' para que os nossos leitores, que são tantos e tantos, oiçam a voz forte e decisiva da Igreja. Da Mãe.



# Isto é a Casa do Gaiato



FOMOS vender uma toirinha à feira de S. Martinho. Só lhe faltava falar, de linda que era, por isso lá ficou. Antes, tínhamos vendido outra na feira da Senhora do Vale, mas esta era mais feia. Temos mais para vender. Os rapazes da turma da erva, andam muito interessados em mandar leite para a cozinha, com abundância, a vê se o Poeta faz manteiga prás merendas. Não tem havido manteiga há um rôr de tempo. As vacas teem andado ocupadas, porém, agora com a venda das crias, espera-se fartura.

**T**EMOS um pequenino muito doente. Sèriamente doente. Já nos morreu um do mesmo mal. Não sei quem nos mandou um frasco com fruta de Alcobaca, que tem feito as pequeninas delicias do pequenino enfermo. Ele foi sempre triste agora é mais. Tem soldados ao pé do traveseiro. Outros brincados na mesinha de cabeceira. E tem companheirinhos seus ao redor, a animar. Nada. Não se interessa. Foi sempre triste, agora mais. Delira. Desmaia.

E' a febre. Febre alta. Chama pela mãe. Quer a mãe. Quem é ela? Aonde está ela? Talvez o pequenino jamais a tivesse visto. Ele veio das ruas. Não importa. A mãe está dentro d'ele. E' o sangue a falar. E' preciso ler nas almas as verdades eternas. O nosso pequenino enfermo é o prégador eloquente do quarto mandamento.

**V**EM ai o nosso grande inimigo; o frio. E' assim todos os anos. Quem cá vier de manhã cedo ouve o pranto dos mais pequenos. São os Batatas e os imediatamente a seguir. São os que perdem o calçado e as meias, na largueza da nossa quinta. A gente não pode andar atrás d'eles, tão pouco eles sabem aonde deixam as coisas, daí o pranto.

—Que tens tu?  
—Frio!

**A**S nossas ovelhas não vão agora para o Monte Calves. Pastam na mata, dentro dos muros da quinta. Saiu o milho dos campos. Não há nada que elas possam estragar. Até à primavera, assim continuam as coisas e quando as vides rebentarem, volta o rebanho pró monte. Nasceu há dias o primeiro cordeirinho, branco que faz coça. O pastor já me comunicou que andem mais quatro ovelhas pra tãr.

No dia do nascimento do primeiro, um dos Batatas, ao fundo da avenida, foi direitinho a um grupo de visitantes dar a notícia faustosa: *a nossa ovelha pôs hoje uma ovelhinha!* Os senhores deliraram mais com o entusiasmo do pequenino do que propriamente com a notícia. Não é de maneira nenhuma a nossa riqueza que aumenta. Que é uma ovelha a mais? O que tem valor é a alegria do Batata. Contentamento dos Batatas. A visita cotidiana ao cordeirinho. Os comentários deles. As perguntas. A vida.

Ele há livros com ovelhinhas pintadas e outros animais, com o fim de entreter e interessar as crianças. Entram na chamada pedagogia infantil. São muito procurados e muito apreciados. Nós cá não usamos livros. Damos-lhes a natureza viva. Ontem de manhã, era aqui um arraial à saída das galinhas. Montes de rapazes, saídos também de suas casas, riam e acenavam, e agrupavam de contentes. Que era? Entrè patos e galinhas, saíam pintainhos do Periquito. Garnizés. *Olha olha; parecem pardais!* Cada qual observa e comenta à sua maneira estes quadros vivos. São ideias. São chispas. E' a vida a desafiar a vida. Aqui não temos coisas pintadas, pedagogia morta. Um dos cozinheiros entra na cozinha pelo almoço deste mundo alado. Tudo espera à porta, em formatura. Um galo muito grande, fica dentro da capoeira. A manada come e come e come enquanto o galo muito grande estaciona empoleirado.

—Então aquêlo?

—Só sai de lá quando as galinhas comerem e se forem embora.

—?!

—Tem mêdo deste galo cuco e do garnizé do Periquito.

Fiquei admirado. Um galo como um touro tãr mêdo do garnizé! Este acontecimento era já conhecido de toda a aldeia. Todos sabiam menos eu.

**O** nosso tribunal continua a funcionar regularmente graças aos delitos e ao amor à justiça. Aqui não é nada pago. Não há selos. Não há custas. Eu gostava de viver num mundo onde...

Casos recentes, contam-se pelo julgamento de três fugitivos, dois d'elles reincidentes. *Tiroliro* que se escapou da escola da noite e levou outro companheiro a fazer na mesma. Cête, que levou uma sova em público e foi imediatamente pedir perdão ao senhor professor. Terrível o Cête! Acusa um professor mentindo! Já não era pouco que o fizesse com verdade, mas com mentira! Levou uma tareia. Há-de lembrar-se dela toda a vida.

**N**ÃO posso. Não posso conservar o jornal à altura do superlativo que lhe deram. Na cabana da mata, longe do bulício, fazia-se alguma coisa. No coração da aldeia, não. São os Batatas. Os Batatas nas suas obrigações. Eles teem a limpeza das avenidas e o Terreiro ao pé da casa mãe. A casa aonde eu escrevo. Ao meu gabinete chegam as cantigas, modinhas, tudo quanto eles ouvem nos ensaios do orfeon. Chegam as queixas. Chegam as bulhas. O sangue dos narizes. Os galos das testas. Como pode a gente escrever um jornal de tanta responsabilidade?

Só pela indulgência dos leitores é que se pode fazer alguma coisinha,—pouco.

**H**OJE à entrada para o refeitório, notei um caso entre os rapazes, que passo a dar à estampa para elucidar. Eu estava ao fundo, junto à mesa dos senhores, aonde também me

sento duas vezes por dia. A malta entra alegre e interessada. E' a hora de comer e está tudo dito. Não há fileiras nem idades. Cada qual fura por onde pode e entra. No meio de tal desordem ia o *Pinóquio* com a gancha do arco aos ombros e na ponta, os sapatos presos pelos cordões! Reparei muito no despropósito. O chefe bate as palmas e faz silêncio. Todos levantam as mãos e rezam a oração do costume. O *Pinóquio* faz a sua criação, mãos ocupadas na varêta do arco e sapatos suspensos do dito. Sentaram-se. *Pinóquio* também. A' saída, o rapaz toma as medidas da entrada, para salvaguardar o que mais estima, a saber; o arco, a gancha e os sapatos. Eu cá não acho isto bem. Tratava-se de um acto de comunidade, aonde naturalmente se esperam boas provas dos rapazes. Não acho bem. Mas como à mesa aonde me encontrava, estavam igualmente o senhor Padre Fatela, os senhores professores, o senhor Joaquim cego, e o chefe da aldeia; e como estes todos tivessem visto o despalante do rapaz e nada dissessem, que resolvi eu? Fazer na mesma. Não disse nada.

**P**ARECE-ME que já foi aqui notificado aos leitores a resolução ultima de mandar o *Periquito* para a escola de dia, a vê se o rapaz aproveita e faz este ano a 4.ª classe. Já vão sendo horas. Ele quer apurar-se e faz por ser o primeiro. Se não nas letras, ao menos no traje. Hoje passava êle a caminho da escola. Um primôr. Fato novo. Sapatos

amarelos e meias brancas. Pulover encarnado. *Cheirinho* e risca. E luvas! Luvas cinzentas. E agora mata-me o bicho do ouvido por um relógio. Quer que eu lhe dê licença de comprar um relógio. *Ande lá que eu já tenho dinheiro*. Poissim, mas por enquanto não há licenças. Todos os dias me veem queixas dos sarilhos que ele arma a caminho da escola. Tudo quanto vê nas mãos dos companheiros, quer para si: São os arcos. São as bolas. Mais. Tira estas coisas aos pequenitos. Ora aqui é que está. Não são acções de quem anda de luvas. Tarde comprará o relógio.

**T**INHA havido de vespera um valente tribunal, quando no dia seguinte apresenta-se no meu escritório o réu, muito perentório: *Venho aqui prometer que nunca mais hei-de ir ó tribunal*. Escutei a afirmação e disse com os meus botões: *não tarda muito que lá não voltes*. O nosso réu é um dos mais ousados rapazes que temos na aldeia. Atrai-se a todos por tudo. Briga. Discute. Refila. Estivera ontem no tribunal a defender com natural robustez uma sua mentira. Afirma. Jura. Eu sabia que não era verdade. Ele sabia que estava a mentir. Daí o seu propósito: *Nunca mais*. Propósito, é o acto de vontade sincera e dolorosa que serve para aquêlo momento. Acredito na sinceridade do rapaz, sim. Mas que êle não volte ao Tribunal,—isso não. Era de uma vez um pescador da Galleia,—O Pescador. Quem é que não sabe o resto?! Ora aqui está a lição

## Assinaturas pagas

O Gaiato

Lisboa

Não foi preciso mais nada. Três elementos a saber: a esperteza dos correios, a grandeza do «famoso», a pequenês do mundo.

Mas vamos que se apresente um teimosinho a dizer que não senhor e que deseja um recibo, uma vêz que o jornal não diz nada. Muito bem. A mesa da administração previu tudo. Os administradores hão-de ser homens amanhã e já se estão preparando para isso. Eles previram e estão prontos com o material necessário. Já teem em seu poder o classico talão do recibo, os selos de meio tostão e canetas afinadas, por causa dos borriões. Aqui em casa não. Estamos afeitos. Até no sôlho da casa aonde eles escrevem há borriões! Aqui em casa não. Mas serviço que vá pra fóra, fazemos muita questão que seja limpo. Esperamos que, a termos de enviar recibo, seja da quantia

entregue, sem rasuras nem o mais que já sabemos. Outra coisa que hoje pedimos, uma vêz que se fala do jornal, é mais um bocadinho de pena de nós. Saibam que nós andamos a pedir por êsse mundo além, e fazêmo-lo por verdadeira necessidade. De sorte que, todos quantos gostam de lêr, formem o propósito de mandar alguma coisinha por êle. Não é preciso chamar-se assinatura. Migalhas. *Aqui vai uma migalha*. Pronto. Basta. Isto todos os anos, e está muito bem. Senão arriscam-se. Os nossos rapazes são irreverentes. Atrevidos, até. Ora oiçam. Ontem apareci no lar do Porto. A mesa de pin-pong estava repleta de massas de jornais. Tinha-se trabalhado desde vespera e estava-se a trabalhar. Quatro pratos de grude. Quatro pinceis. Quatro trabalhadores. Um taboleiro cheio de cintas. Nenhum deles pestanejava.

Eu arriquei duas palavras.

—Isto dá assim tanto que fazer?

—Pois dá. O pior são os caloteiros.

A gente tem de trabalhar pra eles!



Estive agora mesmo a conta-los. São onze. Onze homens a puxar. A todos os leitores se pede desculpa da posição... E' o trabalho que assim o exige. O serviço da creança é pouco, mas quem o não aproveita é louco, ensina o nosso povo. Não é só o ganho material. E' também e sobretudo o ganho espiritual. Aqui é que está.

Havemos de ter ali muito pano pra mangas, fornecido pelo *Rádio*. Precisamos de todas as polegadas do jornal. Ora tendo sido apresentadas em cima da mesa da administração todas estas razões e sendo, também, devidamente consideradas pelos quatro administradores, aos quais não chamo grandes por andar muito barata esta palavra. Por tudo isto, iamós nós dizendo, foi tomada a resolução de suspender.

E agora? Nada. Muito simples. Os senhores assinantes continuam a enviar o seu rico dinheiro pela forma como até aqui teem feito, sabendo de firme certeza que tudo quanto fôr endereçado ao *Gaiato* chega necessariamente às nossas mãos. Seja dinheiro. Sejam coisas. Sejam vales, letras, cheques—tudo. Tudo cá vem dar. O João Ferreira dos Santos, da ilha de Moçambique, é um assinante de mil escudos. *Paçou*. Como? Uma